

astrid parker não falha
série bright falls | livro 2
ashley herring blake

Tradução de Isabel Baptista

Para toda a gente que se descobriu um pouco tarde na vida.

«É um começo fantástico, ser capaz de reconhecer aquilo que nos faz feliz.»

Atribuído a Lucille Ball

CAPÍTULO

UM

Astrid Parker estava perfeita.

Bem, tão perfeita quanto *podia* aparentar, o que nestes dias significava muito corretor espalhado por cima das meias-luas arroxeadas que se tinham instalado por baixo dos seus olhos. Mas tirando essa pequena pitada de ilusão, estava impecável.

La apressada pelo passeio fora, com a luz da manhã de abril a alongar a sua sombra pelas pedras da calçada do centro de Bright Falls, no Oregon. Nem podia acreditar que havia sol a aquecer-lhe a pele pálida, que tinha perdido de facto deixar o seu chapéu de chuva e as galochas em casa, no armário da entrada. Era o primeiro dia sem chuva em duas semanas.

Nascida e criada no noroeste do Pacífico, Astrid estava habituada às chuvas de primavera, habituada aos dias cinzentos e chuvosos, mas o facto de as nuvens se terem dignado a afastar-se — exactamente naquele dia — era no mínimo encorajador. Se Astrid acreditasse em sinais, poderia ter interpretado aquele momento de uma forma um tanto dramática. Em vez disso, parou em frente à Wake Up Coffee Company e olhou para o seu reflexo na grande montra.

Naquela manhã, ela tinha acordado uma hora mais cedo do que precisava, lavara e secara o cabelo, assegurando-se de que modelava a sua franja loura recentemente aparada exactamente como Kelsey, o seu cabeleireiro, lhe tinha mostrado. O resultado era... bem, era perfeito. As suas madeixas onduladas davam-lhe um pouco abaixo do ombro; a franja estava escadeada, chique e brilhante. A maquilhagem era mínima mas elegante — apesar do corretor — e os seus acessórios eram discretos e de bom gosto, apenas um par de argolas douradas penduradas nas orelhas.

A verdadeira estrela era o seu vestido, o seu traje preferido e o mais caro que possuía — ainda não se atrevera a dizer às suas melhores amigas, Iris e

Claire, quanto é que tinha pago por ele depois de romper com Spencer. Tinha sido uma compra necessária, uma aquisição poderosa para a fazer sentir-se confiante e bela. Agora, ao observar o vestido justo em tom de marfim, sem mangas e com a saia abaixo do joelho, o seu reflexo confirmava que valera cada centavo. Tinha-o combinado com as suas sandálias pretas favoritas, com saltos de sete centímetros e meio, e nem a sua mãe conseguiria pôr defeitos na imagem que Astrid via na montra naquele momento. Estava elegante e confiante. Preparada.

Perfeita.

Tudo o que ela deveria ser naquela reunião e nas primeiras filmagens na Pousada Everwood. Um sorriso hesitante instalou-se na sua boca ao pensar na pousada histórica, que agora era sua para remodelar. Bem, não seria exatamente *sua*. Mas quando Pru Everwood, a proprietária daquele edifício vitoriano nacionalmente adorado, lhe telefonara no mês anterior a dizer que estava pronta para o renovar — e que o programa superchique da Natasha Rojas na HGTV, *Innside America*, queria fazer um episódio com toda a transformação —, Astrid quase mordera a própria língua para se impedir de gritar de alegria.

De alegria e de um bom bocado de terror, mas isso eram apenas nervos, ou pelo menos fora isso que Astrid andara a dizer a si mesma durante o último mês. Claro que estava entusiasmada. Claro que aquilo era a oportunidade da sua vida.

A Pousada Everwood era famosa — havia inúmeros livros e documentários sobre a lenda da Dama Azul, que supostamente assombrava um dos quartos no andar de cima — e aparecer no *Innside America* poderia mudar tudo para Astrid. Esta era a sua oportunidade de passar de uma *designer* de província com um noivado fracassado para algo mais. Algo melhor. Algo de que a sua mãe realmente *gostasse*.

Além disso, a antiga mansão transformada em pousada era o sonho de qualquer *designer* — três pisos de beirais intrincados e múltiplas empenas, um amplo alpendre na fachada, um exterior que atualmente era cor de vômito de gato mas que se iria destacar lindamente com qualquer bonito tom pastel, um lavanda ou talvez um verde, claro e fresco. Lá dentro, era um labirinto de divisões apaineladas em madeira escura e teias de aranha, mas Astrid já podia visualizar como iria tornar tudo mais leve e mais alegre, com painéis de ripas e paredes destacadas, que iriam substituir os lambris de cerejeira, transformando o alpendre das traseiras a apodrecer num terraço cheio de sol.

Não havia dúvida, a Pousada Everwood era um projeto de sonho.

E atualmente era o seu único projeto.

Suspirou, afastando as suas desgraças financeiras para o fundo da sua mente, incluindo o facto de que ainda na semana passada tivera de dispensar a sua assistente e a sua rececionista porque já não lhes conseguia pagar. Não é que alguma vez fosse contar à mãe que a Bright Designs era agora oficialmente composta só por ela. Antes comer um cato, muito obrigada, portanto é claro que não tinha tempo para dúvidas ou fragilidades.

Desde que ficara com a firma de *design* de Lindy Westbrook, há nove anos, quando a velhota se reformara, Astrid tinha normalmente a quantidade perfeita de trabalho para se manter ocupada e solvente. Mas ultimamente as coisas andavam paradas e... aborrecidas. Havia poucos trabalhos de *design* para fazer numa cidade tão pequena como Bright Falls, e se trabalhasse em mais um gabinete de médico-barra-advogado-barra-agente imobiliário, enchendo-os de assentos desconfortáveis e de pinturas abstratas, iria arrancar as próprias pestanas.

Já para não falar que, se deixasse a firma afundar-se agora, particularmente depois do desastre do seu casamento cancelado no verão anterior, não só seria a sua própria mãe a arrancar-lhe as pestanas, como se iria assegurar de que Astrid ficava a saber que o fracasso seria completamente por culpa sua, transformando as suas falhas profissionais em defeitos intimamente pessoais.

Ultimamente, esta encantadora qualidade da sua mãe tinha aumentado à grande. Os lábios de Isabel retorciam-se, literalmente, sempre que Astrid tinha um cabelo fora do sítio ou estendia a mão para um *bagel*. Astrid estava exausta e andava há meses a dormir mal, com o escrutínio constante e as expectativas inatingíveis da sua mãe a passarem pela sua cabeça como um filme, repetidamente, sempre que fechava os olhos. Se alguma coisa pudesse satisfazer Isabel — talvez até arrancar-lhe um abraço orgulhoso ou uma declaração luminosa, como *Eu tinha plena confiança em ti, minha querida* — e dar a Astrid alguns meses de paz, seria certamente o facto de aparecer como a *designer* principal num programa de prestígio e trazer a querida Pousada Everwood para os tempos modernos.

Lançou mais um sorriso ao seu reflexo e estava a alisar o tecido macio do seu vestido quando um punho bateu no vidro pelo lado de dentro. Assustou-se, cambaleando para trás, e quase torceu o tornozelo de cima do salto.

— Estás boa como o caraças!

Uma ruiva bonita sorriu-lhe através da montra e em seguida moveu ostensivamente as sobrancelhas para a figura de Astrid.

— Credo, Iris — disse Astrid a pressionar a mão contra o peito, a tentar acalmar o coração aos saltos. — Podias *não* fazer isso, por uma vez?

— Não fazer o quê? — gritou Iris do outro lado do vidro, com os braços apoiados nas costas de uma cadeira pintada de azul-turquesa.

— Não... — Astrid agitava a mão, à procura da palavra certa. Quando se tratava da sua melhor amiga, Iris Kelly, sempre a filha do meio a competir por atenção, a palavra certa raramente se aplicava por muito tempo. — Esquece.

— Traz esse cuzinho já para aqui — disse Iris. — A Claire e a Delilah estão a sussurrar doçuras ao ouvido uma da outra...

— Não estamos nada! — Astrid ouviu Claire, a sua outra melhor amiga, a exclamar algures atrás de Iris, antes de aparecer também na montra, com o seu cabelo castanho apanhado num carrapito desalinhado e os seus óculos de aros roxos a refletirem o sol.

— ... e eu já estou a perder a vontade de viver — continuou Iris, a bater com o ombro no de Claire.

— Nem te atrevas a fingir que não adoras — e aquilo era a voz de Delilah, a irmã de Astrid por afinidade e namorada de Claire nos últimos dez meses, a cuja presença na sua vida Astrid ainda se estava a habituar. Ela e Delilah tinham tido uma infância conturbada, cheia de ressentimentos e de mal-entendidos. O processo de cura era longo e francamente cansativo. Tinham percorrido um longo caminho desde junho, quando Delilah chegara à cidade, vinda de Nova Iorque, para fotografar o casamento condenado de Astrid, e se apaixonara pela dama de honor. Desde então, Delilah tinha-se mudado para Bright Falls e passara a fazer Claire mais feliz do que Astrid alguma vez a vira.

Como que para provar o que estava a dizer, Delilah tornou-se visível e envolveu um braço tatuado em torno do ombro de Claire, que sorriu imediatamente, como se Delilah tivesse inventado o café. Astrid sentiu um baque no fundo do seu peito. Não necessariamente de inveja. E ela já se tinha apercebido há muito tempo de que os problemas que ela e Delilah tinham tido na infância eram tanto por sua culpa como por culpa da irmã, portanto aquilo também não era desconforto ou preocupação pela sua melhor amiga.

Não, aquela sensação era mais semelhante a... náusea. Ela nunca admitiria a Claire — ou a Iris e à sua nova namorada, Jillian — que ver um casal feliz lhe dava vontade de vomitar, mas era verdade, e o seu estômago embrulhado era a prova. Desde que ela e Spencer tinham rompido, no verão anterior, sentia-se fisicamente doente só de pensar em romances e encontros.

E era exatamente por isso que ela *não* pensava em romances e encontros — muito menos em os praticar — e não tinha planos de fazer isso no futuro.

— Entra, querida — disse Claire, a bater no vidro suavemente. — É um grande dia!

Astrid sorriu, com a náusea a dissipar-se, graças a Deus. Quando contara a Claire e a Iris sobre o telefonema de Pru Everwood — sobre o *Innside America*, o caraças da Natasha Rojas e os netos de Pru, que vinham para a cidade, para ajudar a idosa a tratar de tudo —, as suas melhores amigas tinham imediatamente guinchado de alegria, tal como ela, e tinham-na ajudado a preparar-se para a primeira reunião e para as filmagens daquele dia, com a família Everwood. Claro que a *preparação* implicou várias noites na casa de Astrid, com garrafas de vinho abertas em cima da sua mesa de apoio, enquanto ela trabalhava no seu computador e Iris e Claire iam ficando cada vez mais emborrachadas e chatas, mas ainda assim. O que contava era a intenção.

Hoje, elas tinham insistido para que se encontrassem no Wake Up, para tomarem o pequeno-almoço, para que ela carregasse as baterias com «*bagels* e malandrice», como Iris dissera. Astrid estaria a mentir se dissesse que não precisava de um bocadinho de malandrice naquele momento. Assentiu a Claire e encaminhou-se para a entrada, estendendo a mão para o puxador de latão oxidado. No entanto, antes de o poder puxar, a porta de madeira azul-turquesa abriu-se de repente e alguma coisa esbarrou com Astrid, arrancando-lhe o fôlego dos pulmões e atirando-a para trás.

Aterrou de rabo, esfolando a palma das mãos nas pedras da calçada, e uma sensação ardente surgiu no centro do seu peito antes de alastrar pelo seu ventre abaixo.

— Oh, meu Deus, lamento imenso.

Ouviu a voz à sua frente, mas estava paralisada, com as pernas abertas de forma bastante deselegante e o salto do pé direito das suas sandálias preferidas literalmente pendurado por um fio, e...

Fechou os olhos com força. Contou até três antes de os voltar a abrir. Talvez fosse um sonho. Um pesadelo. Certamente, ela não estava ali estatelada com o cu no passeio em pleno centro da cidade. O seu vestido justo — o seu lindo vestido da sorte, de quase mil dólares, que lhe fazia um rabo fantástico — não estava cheio de café muito quente, muito molhado e muito escuro naquele exato momento. Três copos de papel ensopados não estavam a rebolar pelo chão ao lado dela, um tabuleiro não estava virado em cima do seu colo, a empapar mais líquido no tecido exclusivamente de limpeza a seco, e de certeza não estava ali uma mulher pálida, de cabelos castanhos dourados, curtos e emaranhados, com umas jardineiras de ganga clara com

dobras nos tornozelos e botas castanhas e rústicas, parada à sua frente com uma expressão horrorizada no rosto.

Aquilo *não* estava a acontecer.

Não quando ela estava prestes a conhecer Natasha Rojas. E certamente não quando estava prestes a aparecer à frente de uma câmara, para o projeto da sua vida.

Não estava a acontecer.

— Você está bem? — perguntou a mulher, estendendo a mão para Astrid. — Eu estava com pressa e não a vi, e uau, o seu vestido apanhou mesmo em cheio, hã?

Astrid ignorou a sua tagarelice, ignorou a mão. Concentrou-se em respirar. Inspirar, expirar. Devagar e com calma. Porque o que ela queria mesmo fazer naquele momento era gritar. Bem alto. Na cara daquela mulher, possivelmente acompanhado de um belo e firme empurrão no ombro. Ela sabia que não devia fazer nenhuma dessas coisas, por isso foi respirando... e respirando.

— Você está... está a hiperventilar? — perguntou a mulher. — É preciso chamar alguém?

Baixou-se e observou a cara de Astrid, estreitando os seus olhos cor de avelã. A cara dela era quase élfica, com traços delicados, de nariz e queixo afilados, e o seu cabelo curto estava rapado de um lado e comprido do outro, caindo para cima da testa todo emaranhado, como se ela tivesse acabado de acordar. Tinha um brinco no nariz, uma argola prateada e minúscula, que lhe atravessava o septo.

— Quantos dedos é que eu estou a esticar? — perguntou ela, mostrando-lhe dois dedos.

Astrid teve vontade de lhe responder, esticando apenas um dedo importante, mas, antes de poder fazer isso, Iris, Claire e Delilah saíram precipitadamente do café com os olhos arregalados ao verem-na ali no chão.

Meu Deus, ela *ainda* estava no chão?

— Querida, o que aconteceu? — perguntou Claire, apressando-se a ajudá-la a levantar.

— Aconteci eu — respondeu a mulher. — Lamento imenso. Eu vinha a sair e não vi por onde ia, o que é bastante habitual, e sinto-me péssima e...

— Pode calar-se, *por favor*?

As palavras saíram da boca de Astrid antes que ela pudesse pensar melhor. Os olhos da mulher arregalaram-se, o *eyeliner* de pontas perfeitas curvou-se para cima e a sua boca vermelho-framboesa abriu-se num pequeno «O».

— Pelo menos ela disse *por favor* — comentou Iris entre dentes. — A Astrid no seu melhor. Educada mesmo quando é grosseira.

Claire aclarou a garganta e puxou pelo braço de Astrid, mas ela sacudiu-a. Bolas, ela ia levantar-se sozinha, preservar a dignidade que lhe restava. Os que passavam a caminho do emprego ou tinham vindo tomar café olhavam para ela, provavelmente todos a agradecerem aos deuses, ou coisa que o valha, que a sua manhã não estivesse a correr tão mal como a daquela pobre mulher com o vestido estragado e as palmas das mãos esfoladas.

Pôs-se de pé, cambaleante, e a mulher levantou-se ao mesmo tempo. Torcia as mãos, a encolher-se, enquanto Astrid arrancava a sandália partida e observava o salto estragado.

— Eu peço imensa...

— Desculpa, sim, eu percebi — interrompeu Astrid. — Mas as suas desculpas não vão consertar o meu vestido nem a minha sandália, pois não?

A mulher entalou o cabelo atrás da orelha, revelando vários *piercing*s a debruar o pavilhão delicado.

— Hum. Pois, acho que não.

Alguma coisa que parecia desespero, por irracional que fosse, ruborizou as faces de Astrid e oprimiu-lhe o peito. Aquela coisa. Tudo o que ela queria era que *aquela* manhã decorresse perfeitamente, mas não, aquela desastrada com o cabelo giro e o *piercing* no nariz tinha de ter esbarrado na vida dela no pior momento possível, obliterando quaisquer hipóteses de perfeição. Sentia as pontas dos dedos a formigar, pontadas de nervos no estômago, e as suas palavras continuavam a fluir numa panóplia de veneno e de irritação.

— Como é possível que não me tenha visto? — exclamou Astrid.

— Eu...

— Eu estava aqui mesmo, ainda por cima de *marfim*. — Astrid agitava as mãos para o seu vestido, que naquele momento já não era *marfim*. — Eu estava praticamente a brilhar.

A mulher franziu o sobrolho.

— Escute, eu...

— Oh, esqueça — interrompeu Astrid. — Você já estragou tudo. — Tirou o telemóvel da mala, carregou nos contactos e estendeu-o para a cara da mulher. — Ponha simplesmente o seu número aqui, para eu lhe poder mandar a conta.

— Oh, merda — murmurou Iris.

— A conta? — perguntou a mulher.

— Foge — sussurrou-lhe Iris, mas a mulher limitou-se a pestanejar para ambas.

— A conta da lavandaria — explicou Astrid, ainda a estender-lhe o telemóvel.

— Querida — disse Claire —, será que precisamos mesmo de...

— Sim, Claire, precisamos — respondeu Astrid. Continuava a respirar com força, sem nunca desviar a vista daquele furacão ambulante que não parecia ser capaz de passar por uma porta sem provocar uma hecatombe.

A mulher pegou finalmente no telemóvel, com a garganta esguia a engolir em seco enquanto digitava o seu número. Quando terminou, devolveu o telemóvel a Astrid e baixou-se para recolher os copos de café agora vazios e o tabuleiro, deitando-os todos num grande contentor ao pé da entrada do Wake Up.

A seguir afastou-se sem mais uma palavra.

Astrid ficou a olhar para ela enquanto a mulher percorria rapidamente cerca de meio quarteirão pelo passeio fora. Parou ao pé de uma carrinha verde-clara que provavelmente já vira melhores dias e precipitou-se para o interior, arrancando do estacionamento com os pneus a guinchar e o motor a rugir, e desapareceu.

— Bem... — disse Delilah.

— Pois... — comentou Iris.

Claire estendeu simplesmente a mão e apertou a de Astrid, o que a fez regressar subitamente ao que estava de facto a acontecer.

Baixou a vista para o seu vestido, com o café a secar num castanho baço e a sandália pendurada nos seus dedos. Um horror renovado invadiu-a, mas agora não era pelo seu vestido estragado, pela destruição da sua manhã perfeita no dia mais importante da sua vida profissional. Não, ela era a Astrid Parker, porra. Podia resolver aquilo tudo.

O que não podia consertar era o facto de ter acabado de desancar uma completa estranha por causa de café entornado, um facto que agora lhe pesava em cima como alcatrão, espesso, peganhento e malcheiroso.

— Vamos tratar de te limpar — disse Claire, tentando puxar Astrid para o Wake Up, mas ela não se mexeu.

— Eu agora parecia mesmo a minha mãe — respondeu ela em voz baixa. Engoliu em seco, com um nó de arrependimento na garganta, olhou para cada uma das suas amigas e o seu olhar parou em Delilah. — Não foi?

— Não, claro que não — garantiu Claire.

— Quer dizer, pensando bem, o que é *parecer mesmo*? — disse Iris.

— Sim, realmente parecias — concordou Delilah.

— Querida — disse Claire, batendo no braço da namorada.

— O que foi? Ela perguntou — respondeu Delilah.

Astrid esfregava a testa. Em tempos, soar exatamente como Isabel Parker-Green teria sido uma coisa boa, um objetivo, uma forma poderosa de lidar com o mundo em geral. A mãe de Astrid era aprumada, perfeitamente controlada, elegante, educada e refinada.

E a mulher mais fria e sem sentimentos que Astrid alguma vez conhecera. Receara muitas vezes que o envolvimento excessivo da mãe na sua vida viesse a ter severas repercussões, que a essência de Isabel se infiltrasse no sangue e nos ossos da filha, tornando-se parte dela, de uma maneira que Astrid não conseguisse controlar. E aqui estava a prova — quando havia merda, Astrid Parker tornava-se convencida, arrogante, uma cabra completa.

— Merda — disse ela, a beliscar as têmporas. — Ameacei-a com a conta da lavanderia, por amor de Deus. Tenho de me desculpar.

— Acho que essa oportunidade já passou — respondeu Delilah, com um gesto para onde o fumo da borracha queimada dos pneus da desconhecida ainda pairava no ar.

— Provavelmente nunca mais a voltas a ver, se isso te fizer sentir melhor — disse Iris. — Eu não a reconheci. Iria lembrar-me de alguém tão sensual.

— Francamente, Iris — comentou Claire.

— Oh, vá lá, ela era absolutamente fantástica — respondeu Iris. — Viste as jardineiras? O cabelo? Completamente machona suave.

Delilah riu-se e até Claire abriu um sorriso. Astrid sentiu apenas uma sensação aborrecida de solidão que não conseguia explicar.

— Toda a gente tem dias maus — prosseguiu Claire. — Com certeza ela tem noção disso.

— És demasiado pura para este mundo, Claire Sutherland — disse Iris.

Claire revirou os olhos enquanto Delilah sorria e dava um beijo na cabeça da namorada. Toda aquela cena fez o estômago de Astrid retorcer-se ainda mais — as manifestações de afeto, o otimismo constante de Claire, o sarcasmo de Iris. A única que era direta com ela era Delilah, e Astrid não conseguia suportar olhá-la nos olhos naquele momento, não depois de se ter armado em Isabel Parker-Green.

— Tenho de ir a casa limpar-me — disse ela, descalçando a outra sandália para evitar ter de ir a coxear pelo passeio só com um salto de sete centímetros e meio.

— Eu vou-te ajudar — ofereceu-se Claire.

— Não, está tudo bem — respondeu Astrid, desenganchando o braço do de Claire e encaminhando-se para onde tinha estacionado o carro. Precisava de estar sozinha naquele momento, assentar as ideias. Apesar do desastre daquela manhã, ela continuava a ser a *designer* principal da Pousada Everwood, continuava a estar no *Innside America*, e continuava a estar prestes a conhecer Natasha Rojas. Uma colisão com uma bebedora de café desastrada e um momento de extrema irritação não lhe iria estragar isso, de maneira nenhuma.

Tinha-se despedido das amigas e estava a meio caminho do seu carro quando pensou em olhar para o seu telemóvel, para ver o nome da mulher. Talvez lhe pudesse enviar uma mensagem a desculpar-se, pelo menos a dizer-lhe que era evidente que não lhe iria enviar a conta da lavandaria. Desbloqueou o telemóvel e os seus pés descalços estacaram quando olhou para o contacto da mulher.

Não havia nome.

Tinha apenas um número, guardado sob o título Humana Encantadora Que Estragou o Teu Vestido Feio.

CAPÍTULO

DOIS

Jordan Everwood tinha percorrido cerca de oitocentos metros pela rua fora antes de ter de parar. Tinha tentado aguentar-se, engolir o nó da garganta, mas, bolas, a que propósito é que se estava a tentar conter? Certamente não por si mesma. Andava numa completa desordem já há um ano — ou mais, contando a partir do diagnóstico de Meredith —, portanto aquilo era um estado de espírito a que a esta altura já estava habituada.

Estava a cerca de oito quilómetros da casa da avó, onde estava alojada. Simon já lhe estava a ligar, a perguntar quando é que ela vinha com o seu precioso café *hipster*, e ela não queria chegar com lágrimas de rímel a correrem-lhe pela cara abaixo.

Encostou a carrinha, *Adora*, na beira da estrada só com duas faixas que saía de Bright Falls, apenas com árvores perenes molhadas de chuva, tanto quanto conseguia ver, e uma montanha qualquer lá ao longe, de que ela não sabia o nome.

Tão diferente de Savannah.

Mas o objetivo era esse mesmo.

Ao pôr *Adora* em ponto-morto, a mudança moveu-se com relutância — ter atravessado o país há uma semana tinha esgotado completamente a sua querida carrinha. Ela e Meredith tinham batizado o veículo com o nome da personagem principal do programa favorito das duas, *She-Ra*, no tempo em que Jordan começara a fazer carpintaria para a Dalloway and Daughters Homes, há quatro anos.

Jesus, tinha sido apenas há quatro anos?

Parecia uma vida inteira.

Jordan encostou a cabeça ao assento de cabedal sintético e deixou as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Aquilo era um desastre — aquela mudança, aquela segunda oportunidade, como Simon gostava de lhe chamar.

O seu irmão gêmeo andava a chateá-la há quase seis meses para que saísse de Savannah.

— Está assombrada, Jordie — dissera ele mais do que uma vez.

— Claro que está assombrada — respondia ela. — É uma das cidades mais assombradas da América.

— Tu sabes o que eu quero dizer, espertinha.

E ela sabia, mas carasças se estava disposta a admiti-lo... Ainda assim, nos meses que se tinham passado desde que ele lhe começara a enviar postais pelo correio, todos eles a mostrarem uma cidade nova e excitante — São Francisco! Nova Iorque! Chicago! Los Angeles! —, a sua vida em Savannah tinha-se degradado progressivamente. O seu trabalho na Dalloway and Daughters tinha-se tornado cada vez mais desleixado, acompanhado por várias queixas dos clientes, dúzias de armários feitos por medida e móveis avulsos estragados por ela ter feito mal os cálculos, por causa daquela névoa na sua cabeça de que não se parecia conseguir livrar.

Até a sua terapeuta dissera que estava na altura de fazer uma mudança.

— Eu pensava que o objetivo da terapia era enfrentar os problemas, não fugir deles — dissera Jordan numa sessão, há dois meses, quando Angela tinha finalmente sugerido, muito delicadamente, que talvez Simon tivesse razão.

— Uma coisa é fugirmos *de* alguma coisa — respondera Angela — e outra é fugir *para* uma coisa nova. Você precisa de uma coisa nova, Jordan. Não está a viver a sua vida. Está a viver uma vida que morreu há um ano. Ou está a tentar vivê-la, e é evidente que não está a funcionar. É uma vida que não pode ser vivida.

Jordan limitara-se a sair intempestivamente do consultório de Angela depois daquela pequena pérola de sabedoria, sem se despedir, nem mandá-la à merda, nem nada. Ainda assim, as palavras da sua terapeuta tinham-na assombrado — mais do que qualquer dos famosos fantasmas de Savannah — até ao dia em que as coisas no trabalho chegaram ao seu desfecho.

OK, talvez *chegar ao seu desfecho* fosse uma forma moderada de o dizer, considerando que tinha desencadeado um pequeno incêndio numa renovação multimilionária na Praça Chatham.

De propósito.

Apenas um *pequeno* incêndio.

Tinha simplesmente lixado tudo ao instalar um conjunto de belíssimos armários de carvalho — e lixar tudo significava ter deixado cair o módulo do canto, depois de ter recusado a ajuda da sua assistente, Molly,

despedaçando a linda madeira por todo o chão — e ficara frustrada, no mínimo. Aparentemente, de acordo com as testemunhas, tirara uma caixa de fósforos da sua caixa de ferramentas, acendera um punhado de fósforos e largara-o em cima da pilha de madeira enquanto gritava qualquer coisa parecida com *Foda-se, foda-se, foda-se esta foda toda* a plenos pulmões.

Mal pegou fogo. Não era possível dar início a um incêndio violento com armários com acabamentos profissionais, fossem ou não de madeira, mas foi o espírito do ato que selou o destino de Jordan. Bri Dalloway, a matriarca e a patroa altamente complacente de Jordan, fartara-se, assim como as suas duas filhas, Hattie e Vivian.

Acabada de ser despedida e sem nada para ocupar o tempo, passou as duas semanas seguintes no sofá com *Catra*, a sua gata preta e branca, a ignorar o telefone e a comer refeições congeladas enquanto via de empreitada todas as comédias românticas que conseguia encontrar na Netflix. Aquilo prolongou-se — e ela ter-se-ia mantido alegremente naquele estado, muito obrigada — até Simon aparecer à porta da minúscula casa rústica em Ardsley Park que partilhara com Meredith, vindo de Portland, onde morava, com o seu telemóvel encostado ao ouvido e a pessoa preferida de Jordan na outra ponta da linha.

A avó deles.

Que conseguia convencer Jordan a fazer praticamente tudo, incluindo mudar-se para o outro lado do país para a ajudar a renovar a Everwood, a pousada que estava na família há mais de um século. Tudo o que Pru teve de fazer foi dizer «Vem para casa, querida» na sua voz suave e doce, e de repente Jordan tinha doze anos e estava em Everwood no verão, o único sítio onde se tinha sentido verdadeiramente à vontade. Não havia a mãe doente com quem se preocupar. Não havia os miúdos da sua escola, na pequena cidade do norte da Califórnia onde crescera, que a olhavam de lado por se ter assumido *queer* quando tinha onze anos. Não havia mais nada, a não ser as escadas rangentes e as passagens secretas da pousada, as roseiras bravas e os céus suaves e nublados do Oregon, e o aroma doce a água de rosas quando a avó a envolvia num abraço.

Por isso agora aqui estava ela, a quatro mil e oitocentos quilómetros da casa que tinha partilhado com o amor da sua vida, a chorar na berma de uma estrada da província sem trazer café e com a memória dos guinchos de uma mulher extremamente zangada a ecoarem nos seus ouvidos.

Ah, sim, excelente plano, Simon.

Meu Deus, que desastre. Nem sequer conseguia ir simplesmente buscar

café. Pru só bebia chá, e a sua cozinha minúscula da casa de campo não tinha máquina de café. Daí ela ter ido buscar café, daí o desastre. Devia ter simplesmente comprado uma bodega de uma máquina quando chegara à cidade, na semana anterior, ou pelo menos ter convencido Simon a arranjar uma. Bem que ele a podia pagar com o seu fundo de maneio. Mas não, com todo o seu preciosismo, ele dissera que nada superava o café do Wake Up logo pela manhã, e bolas, não é que tinha razão? Era absolutamente o melhor café que ela alguma vez provara.

Infelizmente, o néctar dos deuses para Simon — e o terceiro copo, que ela tinha comprado para a tal *designer* com que se iam encontrar, para as renovações da Pousada Everwood, para além da apresentadora e da equipa do *Inside America* (mas o tanas, se ela ia comprar café para toda a gente...) — estava naquele momento a ensopar-se no belo algodão ou linho ou lá que raio fosse o vestido da Miss Cabra.

Soltou um soluço. Não gostava de chamar cabras às pessoas, não quando usava o termo no sentido pejorativo. Normalmente só o usava entre as suas amigas. Não é que ela ainda tivesse amigas. O seu grupo de amigos, em Savannah, era dela e de Meredith, e Jordan simplesmente não sabia como interagir com eles sem a sua companheira, nem eles com ela.

Aparentemente, ela não sabia interagir com ninguém.

E é claro que a mulher com quem tinha esbarrado, que nem um touro à carga, tinha de ser bonita. Não, não era bonita. Era linda como o caraças. Curvas suaves e cabelo escadeado, sobrancelhas espessas — perfeitamente desenhadas, claro — e sombras suficientes sob os seus olhos castanho-escuros para a tornar interessante. Era deslumbrante, e, pela primeira vez em mais de um ano, Jordan vira-se momentaneamente atordoada, com uma sensação de penugem a passar-lhe pela barriga.

Até a mulher abrir a boca e todas essas peninhas delicadas se terem transformado em pedra.

— Porra — disse Jordan em voz alta, apertando os dedos em torno do volante de *Adora*, enquanto um acesso de novas lágrimas se derramava. Estava literalmente a chorar por causa de um encontro com uma rapariga má, como se ela fosse outra vez aquela miúda *queer* com o cabelo esquisito dos tempos do secundário. Sentiu-se subitamente velha. Mal tinha trinta e um anos. Já tinha conhecido, namorado, casado e perdido o amor da sua vida. Era demasiado nova para se sentir tão velha.

Fungou e passou a mão por baixo dos olhos, a abanar a cabeça para aclarar as ideias. A seguir pegou no seu saco de couro, a que Meredith sempre

chamara o poço sem fundo, e remexeu até encontrar a bolsa de seda onde guardava o seu *tarot*. Puxou o cordão e despejou as cartas nas suas mãos. Adorava aquele baralho. As cartas eram coloridas e modernas, e, o melhor de tudo, eram feministas e *queer* como tudo. Todas as cartas, até os reis de cada naipe, apresentavam uma mulher ou uma pessoa não binária. Jordan comprara-o pouco depois de se ver sozinha, sem Meredith. Uma aquisição reconfortante, que ela usava todos os dias desde então. Constituíam o único hábito saudável que ela mantinha. Cada carta centrava-a em si mesma, impedindo-a de divagar.

Mas ultimamente elas estavam a irritá-la.

— Vá lá — murmurou, enquanto baralhava as cartas lustrosas nas mãos.
— Vá lá, vá lá, vá lá. — Sabia que era suposto fazer perguntas profundas enquanto baralhava o *tarot*, coisas como *O que preciso eu hoje de saber para viver no meu melhor?* Mas isso ultimamente não andava a funcionar lá muito bem para ela.

Na verdade, no último mês, aquelas cartas tinham-na traído completamente.

Parou de baralhar, cortou o baralho em três montes em cima do colo, e a seguir voltou rapidamente a juntá-las num só. Pondo o saco contra a porta do passageiro, espalhou as cartas pelo assento. Olhou para o desenho azul vivo na parte de trás das cartas, passou a mão por cima delas e esperou que alguma lhe chamasse a atenção.

Uma chamou. Ela nem hesitou. Repetiu os movimentos de sempre, agindo por instinto, e tirou a carta. Segurou-a contra o peito durante um momento e inspirou. Havia setenta e oito cartas no *tarot*, vinte e duas nos arcanos maiores e cinquenta e seis nos menores. Qual eram as hipóteses de ter tirado a mesma carta outra vez?

Muito poucas.

E no entanto...

Virou a carta ao contrário.

O Dois de Copas olhava para ela, tal como na maioria das manhãs do último mês. O sacanita atrevido andava a pregar-lhe uma partida qualquer. De vez em quando tirava qualquer coisa diferente, uma carta de paus ou de ouros, ou um bom e velho Louco, Papa ou Lua.

Naquele momento, ela até preferiria ter tirado a Torre desastrosa. Pelo menos iria corresponder ao estado da sua vida. Qualquer coisa em vez daquela parvalhona, aquela carta colorida com duas mulheres numa praia, cada uma a segurar uma grande taça. Estavam viradas uma para a outra, a

sorrirem, felizes, cheias de esperança e de possibilidades. O Dois de Copas prenunciava romance e amor, novos relacionamentos.

Um par perfeito.

Almas gémeas.

Teve vontade de rasgar aquela coisa malvada ao meio. Nem podia acreditar que a tinha tirado outra vez. De cada vez que a tirava, voltava a ficar chocada, zangada e verdadeiramente aterrorizada. Não era suposto o *tarot* fazer previsões. O jogo tinha que ver com a percepção, com o autoconhecimento. As cartas orientavam o indivíduo para uma compreensão mais profunda daquilo que ele desejava, daquilo que estava a atravessar, daquilo de que precisava. Por isso ela não iria interpretar a carta como significando que a sua alma gémea estava mesmo ao virar da esquina.

Como poderia estar?

A sua alma gémea partira há muito tempo.

Francamente, ela não sabia o que aquela carta significava. Não para ela. Podia indicar amizade, uma profunda necessidade dentro de si para se ligar a... *alguém*. Qualquer pessoa.

Mas já tinha provado, repetidamente, e *mais uma vez* naquela manhã, que ela não era grande espingarda nesse campo.

Respirou fundo, com uma inspiração trémula e inseriu novamente o Dois de Copas no baralho. Enquanto metia a bolsa de seda dentro do saco, o seu telemóvel zumbiu alto no suporte dos copos. Pegou-lhe. O ecrã mostrava uma mensagem do irmão.

Onde raio estás tu?

Tinha começado a responder quando chegou outra mensagem.

Olá?

E mais outra.

Jordie.

E outra.

Estás bem? A sério, isto não tem graça. Saíste daqui há mais de uma hora.

Ela revirou os olhos e ligou-lhe.

— Estou ótima — disse ela, antes que ele terminasse sequer a sua saudação em pânico. — Já podes parar de me dar porrada por mensagem.

— Ei, como teu irmão mais velho...

— Oh, sim, esses três minutos e meio que passaste como filho único incutiu-te de facto uma sabedoria insuperável.

— ... tenho o direito de querer saber de ti e de me assegurar que não estás perdida ou estropiada ou...

— A atear fogo às coisas e a deitar por terra o que resta da porca da minha vida?

— Eu ia acrescentar assegurar-me de que o teu gato não te comeu a cara. Ela arquejou, a fingir-se escandalizada.

— A *Catra* nunca faria isso.

— Os gatos são os predadores perfeitos da natureza. Se rachasses a cabeça na banheira e ela não tivesse ninguém que a alimentasse, nem duvides que te ia comer a cara ao fim de uns dias.

— Podemos parar de falar de como a minha gata se vai transformar numa psicopata assassina?

— Estou só a dizer que, se vou ter de lidar com as filmagens deste programa em que a nossa avó nos meteu, gostava de estar preparado.

Jordan suspirou. Ainda não conseguia acreditar que iam participar no *Innside America*. Um dos programas mais populares da HGTV, era apresentado por Natasha Rojas, uma mulher que construíra a sua carreira em *design* de interiores personalizado, que era a criadora e a editora de uma revista de *design* muito chique chamada *Orchid* e que passava grande parte do seu tempo a viajar pelo país para inspecionar as renovações de pousadas históricas. A equipa era sempre local — especialmente o *designer* — e Natasha era famosa pelos seus comentários extremamente diretos, já para não falar no seu estilo impecável.

Para ser franca, Jordan estava um tanto intimidada. Nos últimos tempos, ela não tinha andado exatamente a fazer um trabalho de excelência, e Natasha Rojas não esperava nada que não fosse a perfeição. Ainda assim, o interesse do programa pela pousada acabara por empurrar a avó para a renovação, algo que Jordan e a família toda sabiam que precisava de ser feito já há uns vinte anos.

— Vai ser interessante — disse Jordan.

— Sim. No mínimo. — Simon soprou uma risada. — Mas agora a sério. Estás bem?

— Estou — disse ela, porque era a resposta certa para o seu irmão super-protetor, ainda que não fosse inteiramente verdadeira.

— OK — respondeu ele, com um alívio evidente na voz. — OK, ótimo. Toma um golinho desse café, vai ajudar.

Ela abriu a boca para explicar que não iria haver café para salvar a manhã, mas toda a altercação em frente do Wake Up iria confirmar exatamente aquilo que ele já receava, que na verdade já *sabia*.

Que Jordan Everwood era uma catástrofe ambulante e que precisava de ser tratada com cuidado.

— Sim — disse ela. — Ótima ideia.

E em seguida desligou a chamada e arrancou com *Adora*.

Dez minutos mais tarde, Jordan virou para uma estrada de gravilha só com uma faixa. Oficialmente, a pousada Everwood pertencia ao código postal de Bright Falls, mas na verdade ficava fora dos limites da cidade, na terra de ninguém, escondida no meio das árvores perenes como um segredo. A casa vitoriana ao estilo rainha Ana era uma obra dos Everwoods, construída pelos tetravôs de Jordan, James e Opal Everwood, em 1910, com pináculos elegantes, debruada a madeira recortada e com meia dúzia de passagens secretas no interior, que ela adorava explorar com Simon quando era pequena, durante as férias de verão e outras visitas.

A avó deles, Prudence Everwood, é que a tinha convertido em pousada na década de 1960, juntamente com a irmã mais nova, Temperance. Tinha sido um sucesso instantâneo, primeiro pela sua bela localização idílica e depois pela sua famosa Dama Azul.

Ou talvez fosse ao contrário. Toda a gente adorava uma história de fantasmas, aquela conexão com o Grande Desconhecido. Jordan certamente não conseguia resistir às histórias quando era mais nova. Pru não vivia no edifício principal desde que a pousada abrisse, preferindo residir na cocheira, nas traseiras da propriedade, que tinha sido convertida numa encantadora casa de campo — ainda que minúscula — com três quartos. Sempre que Jordan e Simon a visitavam, ficavam acordados até tarde e esgueiravam-se para a pousada, desesperados por um vislumbre do rosto fantasmagórico da sua antepassada morta há muito tempo, Alice Everwood, a famosa Dama Azul.

Nunca viram nada. Mas tiveram muitos momentos em que um rangido nas escadas ou um golpe de vento através dos beirais faziam os jovens gémeos

gritarem que nem doidos, o que deixava os hóspedes enfurecidos e os seus familiares extremamente aborrecidos.

Jordan não pôde evitar sorrir com as memórias enquanto contornava a esquina e a pousada Everwood surgia à sua frente. Adorava aquele sítio, adorava o facto de ele pertencer à sua família e de poder sempre contar com ele para lhe abrir as portas. Quando ela e Simon eram miúdos, a mãe, Serena, tinha lidado com uma depressão não diagnosticada, por isso os gémeos passavam a maioria dos verões com a avó, enquanto o pai tentava ajudar Serena a «recompor-se», como sempre lhe tinham chamado. Jordan chegava normalmente a Everwood feita num oito, mas, entre a avó e a chuva suave do Oregon, ia-se descontraindo lentamente, assemelhando-se à pessoa despreocupada que todos os miúdos deveriam ser por alturas do mês de agosto. Por fim, quando Jordan e Simon tinham dezasseis anos, Serena foi devidamente diagnosticada com um transtorno depressivo maior. Começou a fazer terapia e a tomar a medicação certa, e as coisas melhoraram, mas os gémeos mantiveram os seus verões no Oregon até irem para a faculdade.

Embora Jordan tivesse algumas dúvidas sobre a sua estadia em Bright Falls e de não ter ideia nenhuma do que raio iria fazer com a sua vida, considerando que não conseguia fazer nem os trabalhos mais básicos de carpintaria naquele momento, para ela aquele sítio continuava a ser mágico. Sempre iria ser.

Claro que a casa já tinha visto melhores dias. O exterior, de madeira e pedra, em tempos de um marfim cintilante, tinha agora uma cor de ossos baços e amarelecidos. A tinta descascava dos debruns de madeira em volta das janelas e do alpendre, e a minúscula varanda no torreão estava a ceder para o lado esquerdo. As roseiras, em tempos viçosas e perfeitamente aparadas, a florirem numa explosão de cor todos os verões, estavam desgrenhadas e demasiado crescidas, a ameaçarem invadir o alpendre. O interior não estava muito melhor e a designação *assombrada* prevalecia involuntariamente sobre *pousada vitoriana charmosa* já há alguns anos, toda ela recantos escuros, desconfortável, com mobílias a estalar. Jordan tinha quase a certeza de que as camas de dossel nos quartos dos hóspedes eram as originais dos primeiros proprietários.

Incluindo os colchões.

Estremeceu ao pensar nisso.

Quando o pessoal do *Innside America* tinha contactado Pru há alguns meses, a respeito da gravação de um episódio com a possível renovação, a avó só tinha hesitado uns momentos. Ela estava velha, a aproximar-se dos

oitenta anos. A tia Temperance morrera nos anos noventa, por isso Pru estava praticamente a dirigir aquele sítio sozinha há vinte anos. Serena era a sua única filha, nascida de um romance tórrido que Pru tivera nos seus vinte e muitos com um pintor meio famoso que vivera uns tempos em Bright Falls. Ele nunca fizera parte da vida delas, e Pru nunca se tinha casado. Os pais de Jordan e Simon continuavam loucamente apaixonados e dirigiam agora uma pequena vinha em Sonoma County, um projeto a que se tinham lançado de cabeça há apenas dez anos, quando se tinham fartado dos seus empregos corporativos.

Por isso, não havia ninguém para ajudar Pru a dar conta daquela pousada enorme que se ia desfazendo à sua volta, quanto mais da pressão de uma renovação televisionada. Ninguém a não ser Simon, que podia fazer teletrabalho e viver em qualquer lado. E quem melhor para ajudar num projeto enorme, contribuindo com trabalho gratuito e conhecimentos, do que a irmã gémea de Simon, que andava perdida e de coração partido?

Soltou um suspiro enquanto *Adora* entrava aos solavancos no acesso circular à frente do edifício. Simon e a avó estavam no alpendre. Ele apontava para isto e para aquilo, enquanto Pru ia assentindo e beberricando aquilo que Jordan calculou que fosse uma caneca de chá preto e forte. Tinham fechado a pousada aos hóspedes na semana anterior e não pensavam voltar a abri-la enquanto a renovação não estivesse terminada, o que, pelas estimativas de Jordan, iria demorar pelo menos seis semanas, na melhor das hipóteses. Como planeavam manter intacta a maior parte da estrutura da casa — como era uma pousada, as áreas abertas seriam não só desnecessárias como prejudiciais ao conforto dos hóspedes —, grande parte do trabalho seria cosmético, com algumas questões estruturais a tratar no exterior. Claro que ela não tinha a certeza até que ponto as coisas se poderiam tornar mais lentas com uma equipa de filmagem constantemente a intrometer-se. Os *e-mails* preliminares indicavam que Natasha Rojas se esforçava para manter as coisas o mais autênticas possível, mas Jordan não fazia ideia de como tudo aquilo se iria de facto processar. Natasha iria chegar com a sua equipa a qualquer momento, e Jordan presumia que nessa altura lhes iriam explicar os detalhes.

— Cá estás tu — disse Simon, saltando pelos degraus apodrecidos abaixo enquanto ela saía da carrinha. Estava com uns *jeans* escuros, uma *T-shirt bordeaux* e os pés metidos num par de ténis cinzentos e gastos. Jordan e Simon eram gémeos, mas não eram nada parecidos. Enquanto ela tinha o cabelo cor de bronze da mãe, as madeixas negras como tinta do irmão eram todas do lado do pai, despenteadas em cima e curtas dos lados. No entanto, os olhos

eram idênticos, os olhos dos Everwood, cor de avelã, com mais dourado do que castanho a atravessarem o verde.

E agora aqueles olhos arregalavam-se por trás dos óculos de armação preta de Simon.

— Eu sei, eu sei — disse ela, a estender as mãos sem os cafés. — Desculpa, mas...

Simon agarrou-a pelos braços e olhou para a cara dela, interrompendo-a.

— O que aconteceu? Tu tinhas dito que estavas bem.

Ela franziu o sobrolho perante a expressão preocupada dele, mas a seguir lembrou-se de que tinha passado uns bons vinte minutos a soluçar em *Adora*, na beira da estrada. Aparentemente, esquecer-se de limpar as provas. O seu querido *eyeliner* em cauda e o rímel vegano estavam provavelmente a escorrer-lhe pelas faces abaixo, como se se tivesse maquilhado para uma festa de Halloween.

— Oh. — Tocou no rosto. — Isto.

— Sim, isso.

— Querida, o que aconteceu? — perguntou a avó a descer do alpendre, com o seu cabelo curto e prateado a brilhar ao sol. Estava vestida com uma camisola em blocos verdes e pretos, *jeans* azuis escuros e ténis brancos. Naquele dia, os seus óculos eram verde relva, a condizer perfeitamente com a camisola. Desde que Jordan se lembrava, os óculos da avó combinavam sempre com as suas roupas. Só Deus sabia quantos pares a mulher possuía. Pelo menos duas dúzias, calculava Jordan.

— Nada — respondeu Jordan.

— Não estragaste esse *eyeliner* lindo por nada, querida — disse Pru, a limpar algumas manchas pretas da face da neta.

Jordan suspirou, inclinando-se para o toque de Pru. Não tinha vontade de falar de toda a confusão — da colisão com a Miss Cabra, da descompostura que tinha recebido, da choradeira. Toda a família já achava que ela mal se conseguia aguentar. A última coisa de que precisava seria admitir que uma pequena alteração a tinha deixado a soluçar como uma pré-adolescente cheia de hormonas.

— Entornei o café todo quando vinha a sair da loja — disse ela. — Parte dele esparrinhou para a minha cara e não prestei atenção quando o estava a limpar.

— Que merda, queimaste a cara? — perguntou Simon, agora a agarrar-lhe as faces, à procura de queimaduras.

Por amor de Deus.

Desenvencilhou-se das mãos dele.

— Não, foram só uns pingos — recuou em direção ao caminho de gravilha que ia dar à casa de campo da avó. — Vou só ali limpar-me. A que horas é suposto começar?

Antes de Simon poder responder, uns pneus rangeram no acesso de gravilha.

— Hum, já? — disse ele, a encolher-se.

Jordan resmungou.

— Precisam mesmo de mim para isto?

— És a principal carpinteira, Jordie, e és um membro da família. Eles querem filmar-te.

Ela soltou um suspiro. Um papel honorário, quando muito. O irmão não lhe ia confiar aquele trabalho de maneira nenhuma. Ela já sabia que ele tinha contratado um empreiteiro — um tipo qualquer chamado Josh Foster, de Winter Lake — e os empreiteiros tinham os seus próprios carpinteiros.

Ela sabia disso; costumava ser um deles.

Ainda assim, Simon prometera-lhe que já tinha tratado disso com Josh, de como *Jordan* iria ser a principal, como *Jordan* iria trabalhar diretamente com a *designer*, como *Jordan* iria ser a responsável por todo o trabalho de carpintaria. A ideia animava-a e aterrorizava-a. Em tempos, a carpintaria tinha sido mais do que um trabalho. Era uma paixão. Ela adorava trabalhar em madeiras, adorava criar, sonhava produzir a sua própria linha de mobílias e abrir uma loja.

Ou assim tinha sido, antes de uma serra elétrica nas suas mãos se transformar literalmente num perigo.

— Está bem — disse ela ao irmão. Iria alinhar. Afinal, ela queria *de facto* estar envolvida na renovação. Só não tinha a certeza sobre o controlo que iria verdadeiramente ter ali. Mas isso não importava. Qualquer coisa servia para tirar aquela expressão do *estás bem?* da cara do irmão.

Um carro prateado apareceu e Jordan pôs-se atrás do irmão a tentar limpar as faces. Podia ter de usar o próprio cuspo, mas para grandes males... coiso e tal.

— Olá, minha querida — disse a avó enquanto uma porta do carro se abria e voltava a fechar.

— Pru, como está? — perguntou uma voz.

— Estou ótima — respondeu Pru. — Oh, está encantadora.

Uma risada.

— Muito obrigada. Mas vejam só! Esses óculos!

— Acho que a avó nos podia dar a todos algumas dicas de moda — disse Simon.

Outra risada.

Jordan inspirou fundo, preparando-se para se mostrar profissional, e virou-se.

Pestanejou.

Voltou a pestanejar, porque...

Ali, a poucos metros de distância, a sorrir para a querida avó de Jordan, estava a própria Miss Cabra. Pelo menos já não estava cheia de café, os seus olhos estavam agora suaves e amigáveis, em vez de arregalados e raivosos, e estava vestida com um esplêndido fato preto e justo e uma blusa branca, complementados com uns sapatos altos de atacadores, em *bordeaux* escuro, que lhe faziam umas pernas intermináveis, mas sim, era mesmo ela.

— Astrid Parker — apresentou-se ela, a estender a mão para Simon. — Da Bright Designs. Temos trocado *e-mails*.

— Sim, claro, prazer em conhecê-la finalmente — disse ele, apertando-lhe a mão. — Simon Everwood. E esta — virou-se e puxou Jordan de trás de si — é a minha irmã Jordan. Ela vai ser a carpinteira-chefe deste trabalho e o seu contacto principal com a família.

Os olhos da mulher — Astrid — arregalaram-se e a sua boca bonita em rosa-claro abriu-se de espanto.